



Entrevistado: Jorge Marques

Entrevistadora: Mônica Machado

Entrevista realizada em 12 de setembro 2001

Mônica Machado: Você nasceu no Rio?

Jorge Marques: Sim, no Rio. Você quer que eu diga o porquê da minha escolha para a Geografia?

Mônica Machado: Sim, eu gostaria de saber.

Jorge Marques: Eu tinha um interesse muito grande pela Agronomia. Só que naquela época Agronomia no Rio de Janeiro só existia na Rural e funcionava praticamente como internato, você tinha que ir para lá como interno porque não tinha condução e, no meu caso, eu morava na Ilha do Governador, era longe demais. Eu estava me preparando para lá, mas nessa época o meu pai morreu. Com isso eu não pude mais me mudar como para a Rural. Então eu resolvi fazer Geografia. Eu fiz o concurso para a UFRJ e a UERJ, na época UEG.

Mônica Machado: Isto foi em que ano?

Jorge Marques: Isto foi 65 para 66. Por questões de facilidades, naquele tempo eu trabalhava na Av. Franklin Roosevelt e morava na Ilha do Governador e a unidade da UFRJ ficava na Av. Antônio Carlos. Então a opção pela UFRJ não foi nem tanto a diferenciação entre UEG e UFRJ, foi em função da localização da UFRJ na época, era próximo ao meu trabalho. De certa forma era a Universidade do Brasil, uma Universidade muito importante na época. Eu estudei lá dois anos. Em 1968 a gente sai de lá e vai para o Largo de São Francisco.

Mônica Machado: Onde se localizava o prédio da UFRJ na Av. Antônio Carlos?

Jorge Marques: Era onde é o atual Consulado Italiano, do lado da Maison de France. Durante a Guerra os prédios italianos foram tomados pelo Governo brasileiro. Quando Getúlio fez a reforma da Faculdade de Filosofia instalando-a no Largo de São Francisco ficou muito complicado devolver à Itália o prédio. Demorou muito tempo para que a devolução acontecesse, somente foi acontecer quando houve a reforma de 68. Como cada curso foi para um canto o prédio foi devolvido.

Mônica Machado: Naquele período onde você trabalhava?

Jorge Marques: Eu trabalhava no Estado na Secretaria de Saúde. Eu comecei a trabalhar muito cedo, com 18 anos. Eu a trabalhar no Estado, em uma secretaria de escola. Depois fiz concurso para datilógrafo, passei e melhorei minha função. Na realidade eu precisava colaborar com as despesas de minha casa. Até que no 2º ano do curso, na metade do curso, surgiu uma oportunidade para eu estagiar no IBGE, foi quando eu larguei o Estado. No IBGE eu fui para divisão sistemática com Elza Keller. Naquele tempo os chefes do Departamento de Geografia eram o Alfredo, o Müller, a Ondina, o Roberto Lobato. Quando eu fui para o IBGE eu já estava como bolsista de iniciação científica lá na UFRJ com o Xavier. Como havia sido um bom aluno em diversas disciplinas, eu tenha a impressão que uma das pessoas que me puxou para o IBGE a Elza Keller, mas ela trabalhava mais com a parte humana. Então duas opções estavam colocadas para mim, ou trabalhava na área Física, com o Alfredo e o Gelson Rangel, ou na área Humana. Na época o trabalho maior do IBGE era uma revisão das regiões. Eu não achava muito interessante este tipo de trabalho e o meu originado interesse pela Agronomia acabou me levando para a Geografia Agrária, eu passei quatro anos trabalhando com Agrária.

Mônica Machado: No IBGE?

Jorge Marques: Sim, no IBGE. O meu primeiro trabalho publicado foi sobre a estrutura fundiária de Pernambuco. Um trabalho utilizando gráficos escandinavos. Depois eu participei, nos bastidores, de um livro e fiz várias ilustrações, como mapa de densidade, pirâmide de população. Quando eu terminei a graduação eu já



estava como monitor da UFRJ e me chamaram para ser auxiliar de ensino na UFRJ. Como eu já havia largado o Estado para ir para o IBGE como estagiário, eu aceitei a proposta.

Mônica Machado: Quanto tempo ficou no IBGE?

Jorge Marques: Eu passei quatro anos no IBGE, dois anos como aluno e depois continuei como estagiário já formado, como contratado. Eu fiquei dois anos nesta situação, IBGE e com 20 horas na UFRJ. Quando surgiu o horário integral na UFRJ, e eu e o Elmo acabamos optando pela UFRJ.

Mônica Machado: O Elmo também era do IBGE?

Jorge Marques: Sim, ele trabalhou com o Müller, no Setor de Clima que o Müller dirigia.

Mônica Machado: O IBGE nos anos 70 continuava a ser muito importante para a formação do geógrafo, não?

Jorge Marques: Foi, realmente foi muito importante. O IBGE acabou sendo uma escola prática criando gerações. Ele absorvia das Faculdades, que estavam aqui no Rio na época, os alunos como estagiários. Na Universidade não havia, ou havia muito pouco bolsistas de iniciação científica. O estágio do IBGE acabava funcionando como uma bolsa de iniciação científica, fora da Universidade. Na realidade o IBGE preparava as novas gerações.

Mônica Machado: Que eram formados basicamente pela UFRJ?

Jorge Marques: Não, tinha a gente da PUC, da UERJ, por exemplo, eram alunos de várias universidades. As pessoas que estavam no IBGE tinham uma segunda opção de trabalho dentro das universidades ou na UFRJ, ou na UFF, ou na UERJ, ou mesmo em duas universidades.

Então, havia esta possibilidade destes contatos, entre universidade e IBGE. E as turmas na época eram pequenas e coesas. Minha turma tinha 15 ou 16 alunos só. Da minha turma foi a Marita e o Ruy Moreira. Eu peguei ainda o regime de seriado, o primeiro e o segundo ano. Somente em 68 que o regime de crédito foi implantando, na mesma época em que fomos para o Largo de São Francisco. Naquela ocasião as obras no fundão já estavam sendo realizadas. Eu já peguei a Universidade sem a presença do Hilgard e o Leusinger. Que era o tempo das cátedras

Dentro das cátedras eram formados os futuros professores, uma espécie de pirâmide, tinha os assistentes, os auxiliares, os alunos, era quase um mundo, uma “miniunidade”. A Universidade vivia praticamente em torno dessas “microunidades” reproduzidas pelos catedráticos. Quando você falava das pessoas que estavam nas Universidades, elas estavam vinculadas a figura do catedrático. Por exemplo o Hilgard que era o catedrático da Geografia do Brasil teve como assistente a Maria do Carmo, o Leusinger lembrava Maria Luiza, o Josué a Lucy, etc. E todos esses assistente passaram depois a ocupar o lugar desses catedráticos.

Mônica Machado: Como era feita a escolha dos assistentes?

Jorge Marques: A escolha era do catedrático, ele quem estabelecia as disciplinas etc. mas eu peguei a época de transição, uma época também mais complicada dentro da Faculdade. A Geografia na Av. Antônio Carlos ocupava uma área muito pequena, apenas algumas salas de aulas. Quem ocupava uma área maior era o Centro de Pesquisas Geografia do Brasil dirigido pela Maria do Carmo, o CPGB, que ficava na cobertura e dispunha de uma área de trabalho, uma biblioteca e uma mapoteca.

Mônica Machado: Os alunos consultavam e essa biblioteca?

Jorge Marques: Sim, era uma biblioteca aberta aos alunos. Depois houve uma primeira mudança que foi a mudança para o Largo de São Francisco, a Geografia já estava no Geociências. A Geografia conseguiu no Largo de São Francisco um pouco mais de área, mesmo assim houve dificuldades. Quando a Geografia foi para o fundão ganhou um espaço ideal, um espaço desejado pelos docentes, embora o fundão estivesse afastado do



centro da cidade. Para a Geografia, principalmente a Geografia Física, houve um ganho enorme que foi o espaço físico para montar os laboratórios, que não existiam.

Mônica Machado: Não existiam condições financeiras e de espaço?

Jorge Marques: Talvez o motivo que mais dificultasse a implantação dos laboratórios tenha sido o espaço físico. Pois o laboratório na área da Geografia Física não representava muitos gastos, comparado com os laboratórios das outras áreas. Com isso passaram a ser feitos trabalhos práticos na área de Física, trazendo benefícios para a gente. Eu não peguei o passado da Faculdade de Filosofia, mas peguei o início da reforma, como aluno.

Mônica Machado: Você presenciou a discussão da saída da Geografia da Faculdade de Filosofia para o IGEO? Você já trabalhava lá?

Jorge Marques: Eu não participei. De certa forma houve uma discussão sobre isto, mas na prática o ano de 68 não foi um ano democrático. Havia a repressão e para a Geografia a Geociências era mais cômoda do que as Ciências Sociais, por exemplo.

Mônica Machado: Mas a ida para a Geociências teve também o peso do Departamento?

Jorge Marques: Não posso te afirmar isso. Eu sei que num determinado momento deve ter havido alguma colocação, mas eu nunca ouvi nenhum protesto contra.

Mônica Machado: Na USP a Geografia continuou na Faculdade de Filosofia.

Jorge Marques: Mas a USP tem uma história diferente. É uma história de oposição ao Governo Federal. Ela é criada para garantir a formação dos alunos paulistas depois de perder a Revolução.

Mônica Machado: A Reforma universitária de 1968 veio de cima e impôs mudanças para os Departamentos, ou eles fizeram uma escolha?

Jorge Marques: Sim, era uma reforma que vinha de cima, mudando a concepção dos próprios cursos. Eram cursos anuais e passavam para o sistema de créditos, implantando o modelo americano. A Reforma criou o CCMM, Centro de Ciências de Matemática da Natureza. Na verdade o que estava sendo feito era a busca de uma certa identidade no conjunto de áreas.

Mônica Machado: Quais departamentos compõem o Instituto de Geociências na UFRJ?

Jorge Marques: Ele incluía a Geografia, a Meteorologia, a Geologia e a Astronomia. A Astronomia recentemente conseguiu se separar. Eles trabalhavam em um observatório da UFRJ, no Valongo, na Praça Mauá. O Valongo era uma unidade, mas o Departamento pertencia ao Geociências, mas eles trabalhavam no Valongo. Dentro da estrutura da Universidade, o Valongo tinha um Diretor assim como a unidade de Geociências tinha o seu. Daí o Valongo tem mais força politicamente do que propriamente o Geociências, porque tinha acabava tendo dois votos. A Geologia continua no IGEO. A Geologia em princípio teve uma fase de choque com a Geografia, pois a Geologia era uma Escola, já era uma unidade, e deixaram de ser unidade para ser Departamento.

Mônica Machado: E a Geologia era forte na época?

Jorge Marques: Sob o ponto de vista da estruturação eles já tinham um certo peso na Universidade e eles tiveram que dividir com a Geografia de certa forma a administração do Instituto. Os professores de astronomia estavam no Valongo, não estavam muito presentes e a Meteorologia era muito fraca em termos de expressão porque era um curso recém formado.



Mônica Machado: A incorporação da Geografia pelo Geociências foi boa para a Geografia Física?

Jorge Marques: Foi, foi bom justamente porque abriu um espaço muito grande físico e de trabalho e naquele momento pessoas bastante ativas na Geografia. A Maria Luiza apesar de não ter tido qualificação quanto teve Maria do Carmo e a própria Bertha, ela brigava muito pela expansão da Geografia Física. Ela saía atrás da Reitoria para conseguir verbas, equipamentos, praticamente toda a construção daquela área ela acompanhou de perto. A Maria Luiza sempre dava esta atenção e brigou muito pela expansão da Geografia e principalmente da Geografia Física, ela foi responsável pela convocação de praticamente quase todos lá, os mais antigos como o Dither, o Xavier e a Regina, da área de Física. Quando a Maria Luiza colocou o Xavier, que fazia na época mestrado nos EUA e tinha uma capacidade de liderança, e a Regina a pesquisa na área da Geografia Física se desenvolve muito. A Regina e o Xavier se unem ao Bigarella, que estava fazendo escola desenvolvendo a Geomorfologia Climática do Brasil, e escrevem trabalhos na época clássicos de Geomorfologia, pois começavam a considerar a Geomorfologia Climática no estudo da Geomorfologia brasileira. Mais adiante o Xavier sai da Geomorfologia. Na verdade ocorreram quase duas linhas dentro da Geografia Física, a que vinha com a Regina que se preocupava mais com a Geomorfologia quaternário, bastante vinculada à Geologia. Depois entra a Josilda e a Ana Luiza. A Regina assume a Geomorfologia e o Xavier estava saindo dela e se dedicando ao Geoprocessamento. O que aconteceu também foi a época da quantificação, que vem desde o meu tempo de estagiário no IBGE.

Mônica Machado: A Geografia Física recebeu também a influência da quantificação assim como a Geografia Humana?

Jorge Marques: Sim, na Geografia Física a quantificação exerceu uma forte influência, a qual eu sofri também.

Mônica Machado: Através do IBGE?

Jorge Marques: Não, ela começa no IBGE para mim, mas eu não faço tanta essa quantificação, porque ela estava na Agrária. A quantificação que eu tenho que fazer é na parte da Geografia Física, na Geomorfologia com o Dither. Na prática a saída do Xavier não foi tão rápida assim da Geomorfologia para o Geoprocessamento, foi acontecendo aos poucos. Com a quantificação, começou-se a se trabalhar efetivamente com o computador e também começaram a ser feitas análises fora da Geomorfologia. Foi aí que o Xavier se vincula ao Geoprocessamento. Nessa época ele produz um livro de Análise Ambiental, em que utiliza exemplos de procedimentos quantitativos como variância, análise fatorial etc. Isso tudo vai o conduzindo aos poucos para fora da Geomorfologia, para uma perspectiva mais ampla da Geografia Física. A quantificação na Geografia Física entrava numa raiz que significava a precisão da informação. Por exemplo, você começa a querer caracterizar uma praia, e uma maneira de você caracterizar os sedimentos e quantificando-os, estabelecendo o valor médio dos grãos e etc.

Mônica Machado: Não era a supremacia da quantificação.

Jorge Marques: Não, não era. Era inerente ao trabalho, eram procedimentos que levavam a rotina da quantificação. Eu passei muito tempo dando aula na pós-graduação da UFRJ Geografia Física de sistemas e a quantificação entrava, mas dentro para um determinado tipo de informação. Na realidade eu trabalhei muito no universo do valor, da precisão, do peso, da medida. Então essas técnicas quantitativas me atraíram.

Mônica Machado: Mas a quantificação exerceu, de fato, grande influência na Geografia Física?
elza

Mônica Machado: Quem são os docentes da Geografia Física da UFRJ e quais suas áreas de especialização?

Jorge Marques: O Xavier com o Geoprocessamento, o Dither na Geomorfologia, Geomorfologia Costeira, que era também minha área de atuação. Eu trabalhava mais com a parte fluvial e a parte costeira, já o Dither trabalhava somente com a costeira. Dos mais antigos pela ordem de entrada eram o Xavier, o Dither e a Regina.



Depois eu e o Elmo entramos, mais adiante o Mauro, a Ana Luiza e a Josilda. A Geomorfologia era subdividida com a Regina no quaternário e eu e o Dither na com a parte costeira, com a Geomorfologia ligada mais à área litorânea.

Mônica Machado: Jorge Marque quem exerceu influência na sua formação?

Jorge Marques: A influência forte efetiva que eu tive na Geomorfologia foi do Xavier porque eu fui bolsista dele de Iniciação Científica. Naquela época eu ainda não estava no IBGE. O Xavier inclusive foi meu orientador no Mestrado.

Mônica Machado: Como foi a constituição da pós-graduação na Geografia da UFRJ?

Jorge Marques: Eu acho que a proposta de Mestrado foi importante, apesar das divergências que havia no currículo entre os professores. Ela foi uma proposta clara. Acho até que foi, na época, uma proposta para assumir a Geografia na prática. Na época, no Rio de Janeiro, a qualificação em Geografia era orientada exclusivamente pelo IBGE e pela UFRJ, pois muitas universidades não tinham expressão. A pós-graduação foi uma necessidade, pois de um lado tinha o IBGE, que se preocupava com a formação do seu pessoal e do outro a Universidade se preocupando com a formação de todos.

Mônica Machado: Nós podemos dizer que na Geografia dessas três universidades UFRJ, UFF e UERJ havia uma divisão intelectual?

Jorge Marques: Quando a UFRJ foi para o Fundão houve um distanciamento muito grande com a vida da cidade. Eu me lembro quando estudava na centro eu participava muito mais da vida da cidade do que no Fundão. No centro da cidade tinha uma atividade diferente e naquela época ir para o Fundão era um desespero, não havia transporte fácil. Era um desespero ir para lá e até hoje é assim. Então havia um certo isolamento da UFRJ em relação às demais universidades. Agora o sentimento que me passa é de que havia uma estrutura dentro da UFRJ que de certa forma forçou o próprio Departamento a desenvolver mais a pesquisa.

Mônica Machado: A própria implantação do mestrado deve ter reforçado a pesquisa na UFRJ, não?

Jorge Marques: Sem dúvida. Naquela época a próprio CAPES se colocava para financiar os Programas e a formação dos professores. Então, o mestrado era uma chance muito boa para o desenvolvimento da pesquisa.

Mônica Machado: E a UERJ?

Jorge Marques: Para mim a UERJ sempre ficou muito afastada, mas eu acho que as pessoas daqui não se envolviam muito com a pesquisa. Aqui também as pessoas não se dedicavam exclusivamente a instituição como ocorreu na UFRJ. Todos os professores da UFRJ, o Xavier, a Bertha, o Antônio Carlos, a Therezinha já estavam com horário integral e dedicação exclusiva, na ocasião em que eu fui para a UFRJ.

Mônica Machado: Você acha que essa foi a diferença entre as três universidades?

Jorge Marques: Exatamente, você vivia para a Instituição, esse foi um fator fundamental. Outro fato também importante, no caso da Geografia da UFRJ, foi a independência da pós-graduação com relação à graduação. Embora vinculada ao Departamento, a pós-graduação tinha toda autonomia para decidir seus próprios caminhos.

Mônica Machado: A biblioteca da pós-graduação em Geografia teve sua origem no CPGB?

Jorge Marques: Sim, ela foi criada pelo CPGB, mas eu acho que ela foi um pouco prejudicada na mudança para o Fundão. Muito material acabou se deteriorando, se perdendo. O CPGB tinha uma mapoteca, com muitos mapas. Quando ocorre a transferência muitos mapas se deterioraram e se perderam. A Maria do Carmo



conseguiu manter um pouco o acervo que era do CPGB. Mais adiante o trabalho do Mauricio Abreu foi muito importante para a implantação e expansão da biblioteca.

Mônica Machado: Qual sua opinião sobre a Geografia hoje nessas três instituições e como elas podem ser vistas no panorama nacional da Geografia Brasileira?

Jorge Marques: Eu acho que a UERJ e a UFF não são reproduções da UFRJ. A Geografia no Rio de Janeiro tem hoje uma população expressiva, quase 1500 pessoas estudando Geografia, tanto nas particulares quanto nas públicas. Nas públicas deve ter em torno de 800 a 900 alunos no total, mas considerando os alunos matriculados, ativos deve ter pelo menos 600.

Mônica Machado: Como você então vê a Geografia nas três universidades públicas do Rio de Janeiro?

Jorge Marques: Eu acredito que cada uma construiu um perfil específico e não são conflitantes.

Mônica Machado: Mas quais são esses perfis na sua opinião?

Jorge Marques: Acho que poderíamos caracterizar as diferenças primeiro através das pessoas. Na UFRJ acho que domina uma certa individualização, pelo próprio desenvolvimento da pesquisa que levou a especialização. A criação de áreas cada vez mais estrutura setores muito específicos, muito fortes pela capacidade que têm em gerar produtos. Isso estanca a instituição. A UFRJ, pela sua própria história, não está pensando em um novo modelo, ela está apenas andando e podemos dizer que agora que ela está alcançando o último degrau. Mas acho que na época em que a Geografia da UFRJ criou o mestrado os docentes foram muito comedidos também, não tão ousados e não criaram logo em seguida o doutorado. Somente muito depois foi que eles viram a necessidade do Doutorado. O doutorado demorou demais para ser implantado embora na época tenha também sido pensado também, mas eu acho que deveriam ter apostado mais. Como o curso era bom havia professores voltando como doutores, se poderia ter começado o Doutorado dando o destaque que foi dado ao mestrado. Muitos professores ainda não tinham doutorado como a Ana, eu, a Josilda, o Dither. O doutorado só teve início na década de 90, quando já em 85 se tinha todas as condições favoráveis para implantá-lo. Então o modelo da UFRJ está chegando a atingir o ponto de amadurecimento, mas como demorou muito a implantação do Doutorado, poderia ter vindo antes, atrasou um pouco, pois já era época deles estarem pensando no pós-doutorado. Então o ciclo na UFRJ ainda não foi fechado, mas ele está sendo muito visto em cima dos interesses de cada linha, na perspectiva de uma individualização. São grupos muito fortes mas criados ao redor de uma pessoa. Quando você sai de uma estrutura do catedrático você rompeu. Outra grande mudança também foram os direitos e deveres dos novos docentes, quer dizer, quem está entrando tem tantos direitos e deveres quanto aquele que já está lá há muito tempo. Então o docente torna-se pesquisador, mas por decreto e eu fui um caso deste. Você entra no regime de 40 horas de dedicação exclusiva e o pessoal já era considerado um pesquisador, quando na realidade você não era.

Mônica Machado: E as outras duas universidades a UERJ e a UFF?

Jorge Marques: Bom, eu tenho muita pouca vivência da Fluminense. Eu via a Fluminense tentando criar um caminho próprio, independente, orientada principalmente por uma perspectiva ideológica. Eu sentia a Fluminense não como um conjunto plural. Essa é a minha visão, o que não quer dizer que seja a visão correta. Mas eu acho talvez isso explique no caso da UFF a constituição de algo unificado em torno de algumas ideias, de alguma liderança.

Mônica Machado: Mas essa unificação que você menciona se organizou no caso da UFF ao redor de alguma linha de pesquisa?

Jorge Marques: Não, não a linha de pesquisa. Mas a perspectiva social foi muito forte, um trabalho muito mais vinculado e comprometido com a perspectiva social, quer dizer, fazia a Geografia da UFF fazia questão de ser assim. Essa é a visão que eu tenho da UFF, principalmente por nomes como Carlos Walter e Ruy Moreira. São dois nomes fortes e com todo mérito. Mas é lógico que no campo institucional é também é difícil haver uma



homogeneização. Na realidade a tendência é se abrir. Agora eu não conheço direito o caso da UFF. Eu te confesso que houve um certo isolamento da UFF, em função de estar localizada em Niterói.

Mônica Machado: E a AGB, como você enxerga a contribuição da AGB para a Geografia no Rio de Janeiro?

Jorge Marques: No meu tempo eu via a AGB muito ativa, eu participei de muitas atividades, Mas a AGB, antes de entrar na Geografia, estava bastante vinculada ao IBGE. O IBGE dava um grande apoio à AGB. O IBGE era a instituição que dava apoio na realização dos trabalhos de campo. O IBGE teve uma contribuição muito importante porque antes das Universidades, ele quem trazia as pessoas de fora para dar curso. As atividades do AGB reuniam muitas pessoas do próprio IBGE, isso em 1968 aproximadamente. Eu me lembro que em 1969 nós, alunos das Faculdades, fizemos um trabalho de campo em Campos pela AGB, sobre migração. Era um total de aproximadamente 30 a 40 estagiários e alunos fazendo inquérito e o trabalho final acabou saindo no Boletim Carioca da AGB-RJ. Havia sempre uma atividade muito intensa não só trabalho de campo mas cursos e palestras também. Mas logo no início ou meados de 1970, a AGB começou a passar por uma fase um pouco complicada com fortes indicações ideológicas. Justamente na reunião de Fortaleza. A configuração da AGB muda. Na verdade havia um compromisso da Geografia no sentido da resistência do compromisso social e de repente começou, por tabela, uma espécie de desprestígio da Geografia Física naquele momento. A Geografia Física representava, para eles, um certa despolitização do discurso geográfico. Foi inclusive curioso, pois naquele momento a Geografia Física passava por uma situação muito interessante, nós começávamos a conviver com outros profissionais e a abrir espaço mostrando uma certa competência também. E o desprestígio com a Geografia Física pela AGB, a partir do Encontro de Fortaleza acabou alijando os geógrafos físicos. Quando a AGB estava mais próxima do IBGE, ela exerceu grande influência na regulamentação da profissão de geógrafo, e a perspectiva da própria AGB depois não era da regulamentação. Quando veio a regulamentação a AGB não quis se envolver e aí veio a grande perda, as pessoas até hoje lamentam essa perda. O que aconteceu foi que para a regulamentação da profissão era necessário haver um orçamento aprovado pelo Congresso e na época já existia uma política de fazer o CREA um grande guarda-chuva, no tempo dos militares, um tempo de centralização e de acabar com todas as representações específicas. O CREA tinha a Engenharia e a Arquitetura. Depois entraram a Agronomia, a Meteorologia e a Geografia. Isso porque, conforme já mencionei, eles queriam acabar com todas as representações específicas e queriam fazer uma grande representação. A intenção era não permitir regulamentações específicas, que por lei as regulamentações específicas necessitavam de dotação própria e de uma entidade representativa e os geógrafos não tinha forças para isso. Então arranjam uma saída que foi o CREA, que era efetivamente uma instituição de representação profissional, com estatuto e regulamentava pela legislação trabalhista. E a AGB, em um determinado momento troca então seu estatuto e permite que o associado estudante seja presidente. Como então a AGB poderia se representar como uma identidade de classe? Nunca. Até hoje existem essas confusões todas que têm origens em 1976 e 1977. A AGB não tinha no CREA, pois como poderia reconhecer o aluno como um representante profissional? Não podia. E isso foi uma decisão política. Eu me lembro que eu mesmo fui à São Paulo votar a favor, uma vez que a AGB não era mais uma entidade de representação profissional, o aluno poderia então representar a Associação, que passava a ser cada vez mais aberta valorizando atividades de cunho basicamente culturais, não sendo uma representação sindical. Ela não evoluiu para essa representação sindical e na minha opinião perdeu muito, a AGB e a Geografia.

Mônica Machado: Qual sua opinião com relação a Geografia da UERJ?

Jorge Marques: Eu vejo a perspectiva da UERJ como a que tem a perspectiva em médio e longo prazo melhores. Você pode até não acreditar, mas é verdade. Não apenas em função da idade das pessoas, mas também da própria constituição de um projeto novo de trabalho. Eu acho que nesse sentido a UERJ se diferencia da UFRJ e da UFF. A maioria de vocês da UERJ está no meio do caminho, não há muita diferença entre vocês, o que possibilita de repente a conciliação de algumas atividades e de um certo entrosamento. E na prática vocês têm um projeto conjunto que é a Graduação. Na realidade aqui não há um “dono”. O espaço está



GeoBrasil

GRUPO DE PESQUISA GEOGRAFIA BRASILEIRA: HISTÓRIA E POLÍTICA



aberto. E na minha opinião o caminho agora para a Geografia da UERJ é de criação de um perfil de trabalho, mas de um perfil mais aberto, diferindo das outras duas universidades. E o mestrado que estamos tentando criar irá ajudar a construção do perfil da UERJ.

Mônica Machado: Jorge Marques muito obrigada por essa entrevista.